

VIOLÊNCIA FÍSICA CONTRA A CRIANÇA

Rita Helena Sabo O. ZELLERHOFF*

RESUMO

Este é um estudo sobre maus tratos físicos na infância em que se observaram alguns aspectos psicodinâmicos de pais agressores e crianças maltratadas: reações às perdas, frustrações, controle dos impulsos, identificações estruturantes do Ego, mecanismos de defesa, auto-imagem, sem deixar de considerar aspectos referentes ao contexto sócio-cultural e à violência.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho resultou de uma pesquisa realizada no CRAMI (Centro Regional de Registros e Atenção aos Maus Tratos na Infância).¹

As discussões dos casos de Maus Tratos infantis² possibilitaram a visão de que a agressão contra a criança referia-se constantemente à violência na relação menor-família.

(*) Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Centro Universitário de Corumbá.

(1) CRAMI (Centro Regional de Registro e Atenção aos Maus Tratos na Infância) localizado na cidade de Campinas-SP, é uma instituição sem fins lucrativos, fundada em 04-07-85, destinada à proteção e assistência integral da criança vítima de maus tratos: espancamentos, sevícias, estupro e outros abusos sexuais, abandono intencional, intoxicações, violências físicas, psíquicas e sociais. Visa, fundamentalmente, à prevenção, registro, tratamento e reabilitação de casos de maus tratos, bem como à promoção da criança junto a sua família ou sob forma de lar temporário, em respeito à Declaração dos Direitos do Menor.

(2) O Simpósio da Academia Americana de Pediatria, em 1941 possibilitou a caracterização dos maus tratos infantis em quatro categorias diferentes: a violência física, o abandono físico e emocional, o maltrato emocional propriamente dito e o abuso sexual da criança.

(A Criança Maltratada, Cap. 1, pág. 5, Stanislaw Krinsky (org.).

Das discussões sobre o mau trato físico, assumiram importância as características psicológicas das crianças agredidas e dos agentes agressores, na maioria das vezes os próprios pais.

É interessante assinalar que os códigos 61.20 e 61.80 do D. S. M. III (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders) fazem referência ao uso da violência contra a criança devido a problemas que não são de ordem mental, mas devido a diversos problemas de relacionamento pais e filhos, e circunstâncias familiares, respectivamente.

Os estudos sobre os maus tratos infantis mostram o seu lugar dentre as emergências infantis e os cuidados que se deve ter na pesquisa do mau trato infantil.

Grunspun (1976) assinalou que, clinicamente, os quadros do mau trato infantil, muitas vezes, apresentam ser no início acidentes atendidos de urgência, porém, trata-se de crianças apresentando lesões físicas por maus tratos corporais e sintomas psíquicos de apatia total que requerem continuidade de intervenções emergenciais, após o atendimento urgente.

Knobel (1977) também compartilhou desta mesma idéia, afirmando que dentre as emergências psiquiátricas infantis, que são comuns no dia-a-dia da criança, tais como as doenças da família e dos pais, mortes que ocorrem na família, abandono de crianças, o problema de separação e divórcio, deve-se incluir a síndrome do mau trato infantil.

Os acidentes na infância mereceram atenção de Hélio de Oliveira Santos et al (1985) que realizaram estudos de 518 casos de acidentes na infância, internados em dois hospitais da cidade de Campinas-SP, de 1977 a 1983.

No Chile, os cuidados que se deve ter na pesquisa de mau trato físico infantil estão sendo objeto de investigação por uma equipe multiprofissional do Hospital Ezequiel Gonzales Cortés (Gallardo, 1986).

Essa dificuldade de diagnosticar os maus tratos foi observada por Damergian (1986) em inúmeros casos de crianças que, necessitando de atendimentos médicos, são obrigadas (ou pelos pais ou pelo medo) a dizer que caíram e se machucaram.

Os trabalhos psicanalíticos assinalam a importância não somente das necessidades nutritivas do bebê enquanto tais,

mas também as interações entre o lactente e o meio ambiente, as quais, por sua vez, são fundamentais para o desenvolver do dar-e-receber das relações maduras, da função superpessoal da procriação na sexualidade adulta, assim como o intercâmbio da criatividade concreta ou abstrata.

A população de mães e crianças é similar nas descrições de vários autores da área psicanalítica sobre o mau trato físico infantil (Myers, 1981; Mahler, 1981; Galenson, 1981; Crivillé, 1986; Egas, 1986).

Esses dois últimos autores também realizaram estudos da agressão dos pais, independentemente de sexo.

Geralmente, as mães agressoras apresentam dificuldades no relacionamento com seus próprios pais e os maus tratos físicos infantis ocorrem quando as mães se sentem muito estressadas e esgotadas. Ainda, segundo os autores citados acima, as mães são as principais agressoras, possivelmente, por passar maior parte do tempo com a criança. Questiona-se: O que aconteceria se o pai permanecesse mais tempo com a criança maltratada?

Outro ponto comum desses trabalhos é que durante o estágio simbiótico há uma boa relação mãe-filho, porém quando a criança começa a ter uma maior independência, engatinhar, por exemplo, os tormentos se iniciam, a paciência com a criança diminui. Um terceiro aspecto refere-se ao membro não agressor, que, geralmente, tem um papel passivo, ausente e inadequado nessas famílias.

Pretendeu-se neste trabalho pesquisar alguns aspectos psicodinâmicos de crianças maltratadas fisicamente e dos agentes agressores, isto é, suas emoções, principais conflitos e motivações.

MÉTODO

Sujeitos

Para constituir o grupo-padrão foram analisados 26 casos no período de junho de 1986 a dezembro de 1986, onde 20 foram de agressão física, 04 de abuso sexual e 02 de abandono.

Selecionaram-se os casos de crianças de 05 a 10 anos vítimas de violência física por pai, padrasto, mãe, madrasta e ou substituto (companheiro, companheira)³.

Assim, os critérios da escolha dos casos foram os seguintes:

- a) idade das crianças (05 a 10 anos);
- b) violência física por parte do pai, padrasto, mãe, madrasta e/ou substituto paterno e materno;
- c) notificações à instituição no período compreendido entre junho a dezembro de 1986;
- d) vítimas de violência física conforme o referencial conceitual, ou seja, a violência física contra a criança de forma intencional, causando-lhe marcas no físico, manifestada pelo pai, mãe, padrasto, madrasta e/ou substituto paterno e materno.

Material

Optou-se pelo método clínico por ser o método que caracteriza a Psicologia Clínica ao investigar a conduta humana, tomando o próprio indivíduo como quadro de referência, observando o seu comportamento tal como ele ocorre naturalmente, em situação e evolução, sem recorrer a procedimentos instrumentais, como manipulação experimental ou testes padronizados.

Utilizaram-se as técnicas de entrevistas domiciliares e a de observação. As entrevistas domiciliares, baseadas no método clínico com crianças e respectivas famílias, tiveram por objetivo obter informações a respeito da história vital das crianças e da dinâmica familiar, a fim de, dentro do possível, compreender o fenômeno.

Não houve número estabelecido de entrevistas para o presente trabalho, pois dependia do enquadramento dos casos nos critérios de escolha propostos. Como houve opção pelo método clínico, a preocupação não foi a de realizar uma análise quantitativa dos dados em questão, e sim de um conteúdo suficiente para embasar de modo consistente o trabalho.

(3) Não foram objetos do presente estudo outros tipos de maus tratos: — negligência, abuso sexual, abandono intencional, intoxicação ou envenenamento, raptos, entre outros mais inusitados.

Os roteiros das entrevistas com os pais e com as crianças eram compostos de 4 partes principais:

I – Dados Pessoais;

II – Relacionamento Interpessoal e Traços de Personalidade;

III – Relacionamento com os Pais – Crianças Violência (motivo da agressão, horário, local) – Pais;

IV – Aspectos físicos e tipo de Comunicação;

as quais foram subdivididas em itens e subitens.

Procedimento

Procedeu-se da seguinte maneira: primeiramente, obtinha-se a informação das crianças vítimas de maus tratos físicos, através dos prontuários da Instituição. Esses dados possibilitaram o acesso às crianças e aos pais, através das entrevistas domiciliares.

As entrevistas domiciliares foram feitas primeiramente com os pais e depois com as crianças. No início da entrevista, na maioria das vezes, após a apresentação, dizia-se: "Eu estou conversando com vários pais que, assim como vocês, têm um filho de menos de 10 anos. Gostaria que você me falasse sobre a vida de vocês de um modo geral e, depois, sobre os seus filhos". No início da entrevista com a criança, após a apresentação, dizia-se: "Eu estou fazendo um estudo sobre crianças da sua idade. Gostaria que você me falasse sobre você".

Após cada visita domiciliar, anotaram-se as respostas dos entrevistados e as condições em que a mesma se realizou: dificuldade para se chegar ao local, a presença de outras pessoas, a receptividade à entrevistadora, mudança de endereço ou de cidade e a ocorrência de outros acontecimentos.

RESULTADOS

Análise

A partir dos dados dos prontuários da Instituição e das entrevistas domiciliares, foram elaboradas 20 histórias de vida dos pais agressores e das crianças maltratadas.

Ordenaram-se as histórias de vida da seguinte maneira: em primeiro lugar, foram colocados os aspectos que tinham como objetivo situar o contexto sócio-cultural da família. Em seguida, procurou-se analisar alguns aspectos psicodinâmicos da personalidade e, por último, o item violência, que tinha como finalidade caracterizar o tipo de relação pais agressores – crianças maltratadas, envolvendo a situação e reação da mesma, tanto dos pais como da criança e identificando valores, concepções e fantasias a respeito do mau trato físico infantil.

Durante a observação dos 20 casos de maus tratos físicos, verificaram-se certas situações de crise que precipitam a agressão física em ordem de influência:

- desorganização familiar;
- alcoolismo;
- punição como educação;
- antecedentes psiquiátricos.

De modo didático, dividiram-se as situações acima em quatro, porém desorganização familiar pode estar associada a alcoolismo, a punição como educação ou a antecedentes psiquiátricos.

DISCUSSÃO

Contexto Sócio-cultural

Agressores

Há agressores que são bem apessoados e apresentam um tipo de comunicação hostil, agressivo, rude. Respondem às perguntas de modo claro, objetivo, frio; de modo geral questionam sobre o denunciante para “acertar as contas”, aliás, essa é a expressão que muitos verbalizam. É interessante assinalar que esse tipo de comunicação independe de sexo.

Por outro lado, há agressores que apresentam aparência deprimida e demonstram muito mais idade do que realmente têm. O tom de voz, de modo geral, é baixo e monótono, sendo, às vezes, difícil ouvi-los com nitidez. Num único caso a agressora apresenta alheamento à situação dos maus tratos físicos à filha.

De modo geral as residências apresentam-se em condições insatisfatórias de habitação, com a necessidade de consertos e reparos, mesmo as casas dos agressores com melhor nível sócio – econômico.

Observa-se nessas famílias de agressores que a desagregação familiar, o alcoolismo, a punição como educação, o abandono e as perturbações psiquiátricas se repetem com pouca variação.

Verifica-se que as estruturas familiares não são estáveis, são incompletas, e a forma de interação freqüente é a de autoritarismo.

Observa-se na maioria dos casos os pais relacionarem aspectos da sua família de origem seja os tipos de relacionamentos dos pais, maus tratos sofridos, perdas pessoais e econômicas – à situação atual.

Dos casos estudados, quinze apresentaram problemas de relacionamento com vizinhos e no trabalho. A insatisfação, a revolta dos agressores estendem-se, também, às relações de amizade, trabalhos e outras atividades.

Quanto ao serviço, a maioria dos pais agressores trabalha, porém, nos momentos das entrevistas, havia pais agressores que se encontravam “descansando”, conforme suas verbalizações; pais agressores desempregados e pais agressores alcoolizados.

Para vários pais, o alcoolismo parece ser o motivo das agressões aos filhos. Porém, observa-se que o alcoolismo é uma estratégia utilizada pelos agressores através do qual descarregam sua agressividade, sua dificuldade em tolerar seus sentimentos contraditórios. Assim, através do alcoolismo descartam-se da responsabilidade do seu comportamento violento, do não cumprimento da sua função parental.

Crianças Maltratadas

A maioria dos casos analisados mostram crianças e adolescentes maltratados, com aparência negligente, com comportamentos submissos e passivos, desenvolvimento inferior ao esperado para suas idades.

Observam-se, também, crianças maltratadas com aparência negligente, agitadas, hiperativas, com traços harmoniosos e desenvolvimento de acordo com suas idades e crianças maltratadas, com aparência negligente, com comportamento indiferente, alheios à situação de maus tratos.

Quanto ao tipo de comunicação, de modo geral, as crianças e adolescentes verbalizam pouco sobre os maus tratos, as respostas são monossilábicas, constrangidas, sejam crianças submissas ou hiperativas. Porém, há alguns casos em que as crianças e adolescentes, apesar do comportamento submisso ao agressor, verbalizam mais sobre os maus tratos sofridos e o fazem com ressentimento e revolta: os relatos são tensos e emocionados, o tom de voz é alterado.

Há vários casos em que as crianças e também adolescentes manifestam desgosto de morar com a família, verbalizam sobre as relações violentas da família.

Várias crianças demonstram dificuldade de expressar seus sentimentos, apesar de todas manifestarem a vontade de brincar, de conhecer novos amigos.

Aspectos psicodinâmicos da personalidade

Agressores

Observa-se, de modo geral, que a reação do agressor às perdas e frustrações é sentida como penosa e insuportável, em qualquer nível, seja pessoal ou sócio-econômica; em vários casos o alcoolismo associa-se às dificuldades dos agressores em suportarem as perdas e frustrações.

Há casos em que se observa, também, a ocorrência de um comportamento revoltado, ressentido, amargurado do agressor contra tudo e todos, pois o mesmo tem que enfrentar e tolerar as mudanças que lhe ocorrem tanto a nível interno como externo.

Parece ser difícil para os pais agressores negociarem com a situação conflitiva e encontrarem uma solução adaptativa em confrontação com a mesma. Observa-se, assim, nesses casos analisados, que o pai agressor atua como pensa e pensa como

atua, isto é, com um psiquismo funcionando sem mediação em relação aos maus tratos; uma vez rompidos os limites do seu ódio, este é extravasado contra os alvos mais diversos, não poupando companheiro(a) e filho(s) da sua ação destrutiva.

Há agressores que demonstram uma evidente falta de auto-estima, o que leva a pensar num defeito narcísico: percebem-se a si mesmo como pessoas fracas, confusas, inadequadas, rejeitadas. Observa-se que esses agressores apresentam características depressivas, com dificuldade de elaborar as perdas, as frustrações.

Crianças Maltratadas

De modo geral, observa-se que as situações de perdas, de frustrações, repercutem tanto nos pais como nas crianças. As verbalizações mostram as dificuldades de elaborar as situações de perdas e frustrações.

Nos casos analisados observam-se algumas das características que aparecem com mais freqüência nas crianças e também, em adolescentes maltratados: a timidez, a submissão, a passividade.

De modo geral, há casos em que ocorre um relacionamento mais intenso com o genitor ou substituto não agressor. É solidário se este sofre, também, agressão. Como também há casos em que há uma identificação com a figura agressora.

Um dos mecanismos que as crianças e adolescentes utilizam é a fuga; isto é, sair de casa; em alguns casos até não querem voltar para a mesma e fantasiam sobre a situação desagradável.

Violência

Agressores

Há agressores que apresentam total irresponsabilidade e negação pelas agressões físicas às crianças, assim como inadequada compreensão da seriedade da situação. Aliás, observa-se que a preocupação maior dos agressores é saber quem denunciou.

Também, há agressores que assumem os maus tratos físicos às crianças, mas os justificam exteriormente devido ao alcoolismo e à desobediência e atos ilegais das crianças e adolescentes.

E observa-se os agressores que assumem os maus tratos físicos infligidos aos filhos e os relacionam com suas dificuldades internas referentes a perdas de pessoas queridas, econômicas ou ao exercício da função parental.

Quanto às fantasias manifestas, além de violência e punição, observam-se fantasias persecutórias, funestas, dos agressores em relação às crianças maltratadas e às outras pessoas.

Crianças Maltratadas

As reações das crianças e adolescentes às surras e outras agressões físicas são similares em vários casos, independentemente de idade e sexo. Por exemplo, o comportamento submisso na presença dos pais agressores, exceto em um caso. A fuga da casa ou através da fantasia é o mecanismo freqüentemente observado nessas crianças e adolescentes maltratados.

Há crianças que se mostram submissas ou hipervigilantes em busca de pistas dos adultos, adaptando-se ao comportamento dos agressores; outras mostram comportamentos agressivos, provocativos e hiparativos, por sua vez, ocasionando mais agressão dos adultos.

CONCLUSÕES

Este estudo possibilitou observar:

– Contexto sócio-familiar

1) as estruturas familiares instáveis, incompletas e a forma de interação, freqüentemente a do autoritarismo, são observados na maioria dos casos;

2) Há certas situações de crise que precipitam a agressão física em ordem de influência: desorganização familiar, alcoolismo, punição como meio de educação, antecedentes psiquiátricos;

3) Dos vinte casos de maus tratos físicos, a mãe, madrasta ou substituta materna é a agressora em nove; o pai, padrasto ou substituto paterno em oito e ambos os pais em três;

4) Dos trinta e quatro sujeitos (crianças maltratadas):

a — dezenove são do sexo feminino e quinze são do sexo masculino. Há casos de várias crianças espancadas na mesma família.

b — vinte e sete são filhos legítimos e sete são enteados.

5) Os agressores apresentam problemas de relacionamento com vizinhos e no trabalho. A preocupação maior do agressor é saber quem é o denunciante.

— Pais agressores

1) Relacionam aspectos da sua família de origem, maus tratos sofridos perdas pessoais e econômicas à situação do mau trato infligido ao filho;

2) O uso da violência contra a criança é proveniente de agressores rudes, hostis, amargurados, assim como de agressores deprimidos;

3) Os maus tratos físicos às crianças são assumidos de duas maneiras: exteriormente (alcoolismo, desobediência) internamente (perdas de pessoas queridas, situações econômicas adversas ou do exercício da função parental);

4) Apresentam fantasias manifestas de violência, de destruição, de punição.

— Crianças maltratadas

1) Apresentam fantasias manifestas de violência, de destruição, de punição em relação ao comportamento violento dos pais agressores;

2) Em geral, apresentam uma auto-imagem pobre;

3) Verbalizam pouco sobre os maus tratos. As respostas são monossilábicas, constrangidas, sejam crianças hiperativas ou submissas;

4) Apontam a fuga como alternativa nas situações de maus tratos. A fuga, seja de casa, seja através da fantasia é mecanismo freqüentemente observado.

ABSTRACT

The present study is on child physical abuse maltreatment and it has focused some psychodynamic aspects of maltreated children and their abusing parents, such as: reaction to losses, frustrations, impulse control, Ego structuring identifications, mechanisms of defense, self-image, also taking into consideration some relevant aspects of the socio-cultural and violence context.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COATES, V.; RIBEIRO, T. M.; HERCOWITZ, L. M.; KAISERMAN, I. — **Síndrome da Criança Batida**. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro, 38: 265-270, 1973.
- CRIVILLÉ, A. — **A violência dos profissionais que intervêm nos problemas de abuso e negligência das crianças**. In KRINSKY, Stanislau (org.); LIPII, José Raimundo da Silva; CELIA, Salvador A. H. et al. — **A Criança Maltratada**. São Paulo, Almed. 1985.
- DAMERGIAN, S. — **Entre a Vida e a Morte: a violência contra a infância nos grandes centros urbanos**. In STEINER, Maria Helena Figueiredo (org.) — **Quando a criança não tem vez: violência e desamor**. São Paulo, Pioneira, 1986.
- DIAGNOSTICAL and Statical Manual of Mental Disorders — American Psychiatric Association — Third Edition.
- EGAS, Lilian Cubillo; MOLINA, Enna; GALLARDO, Letícia Román; IDROVO, Olilia; CHEJIL, Mariana Argudo — **Enfoque interdisciplinário sobre el Problema del Maltratado**. Anais do II Congresso Latino Americano de Guayaquil, novembro de 1986.
- GALLARDO, Jorge P. — **As Crianças Mártires: o ponto de vista de um especialista em educação física**. In STEINER, Maria Helena Figueiredo (org.) — **Quando a criança não tem vez: violência e desamor**. São Paulo, Pioneira, 1986. 133p.

- GALENSON, E. — **Preodipal Determinants of a Beating Fantasy**. *International Journal of Psychoanalytic Psychotherapy*: 1980-81 Vol. 18, 623-647.
- GRUNSPUN, Haim — **Emergência em Psiquiatria Infantil**. São Paulo, Savier 1976.
- KNOBEL, M. — **Psiquiatria Infantil Psicodinâmica**. Buenos Aires, Paidós, 1977. 289p.
- MAHLER, M. — **Agression in the service of separation individuation case study of a mother — daughter relation ship**. *Psychoanalytic Quaterly*. 625-638, I.—1981.
- MYERS, W. — **The psychodynamics of a beating fantasy**. *International Journal of Psychoanalytic Psychotherapy*. 1980-81, Vol. 18, 623-647.
- SANTOS, Hélio de Oliveira; ESPIN NETO, José; QUARESMA, Marilda da Fonseca; BACCO, Fábio Felippo — **Acidentes na Infância**. *Jornal de Pediatria*, Vol. 58 (1/2), 1985.
- ZELLERHOFF, Rita Helena S. O. — **Maus tratos físicos na infância: aspectos psicodinâmicos de pais agressores e crianças maltratadas**. Tese de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 1988.